

CATOLICISMO E ESCRITA COMO TRADIÇÕES DE CONHECIMENTO ENTRE OS XAKRIABÁ: A TRAJETÓRIA DE MANOEL FERNANDES DE OLIVEIRA¹

Amanda Jardim

Mestranda em Antropologia pela UFMG/ Minas Gerais

Palavras-chave: Xakriabá; Catolicismo; Escrita.

As memórias sobre a trajetória de uma família extensa da aldeia Barreiro Preto, localizada na terra indígena Xakriabá (São João das Missões-MG), com recorrência mencionam um ancestral comum: Manoel Fernandes de Oliveira (aprox.1880/1890-1961). As narrativas sobre Manelão ou Maneli, como geralmente é citado, o descrevem como exímio *rezador*, *(en)frenteiro*, *juíz de paz* e *escrivão*². Qual seria o protagonismo de Manelão no contexto xakriabá, durante meados do século XX? A pertinência em explorar a biografia e a agência atrelada a esse personagem se dá ao fato de a ele serem atribuídas a presença do catolicismo na aldeia Barreiro Preto e aldeias vizinhas, assim como o contato reiterado com a cultura letrada.

Neste trabalho trato brevemente sobre os conhecimentos reunidos sob a *persona* de Manelão. Recupero alguns elementos de sua história de vida através dos relatos de seu afilhado, José de Souza Freire (Seu Zé)³; e sua filha, Olava; que conviveram e

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020, no GT 24: Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena.

² Em itálico estão destacados termos nativos, relatos e expressões utilizadas pelos interlocutores.

³ José de Souza Freire, Zé do Rolo ou Seu Zé, nascido em 1940, é um grande conhecedor das *rezas*, *ladainhas* e *beneditos*. Também é *embaixador* na Folia de Reis (folião de guia - sujeito que canta os primeiros versos da Folia, responsável por organizar a Folia e guardar os instrumentos), jogador de *Loas* (regime de oralidade xakriabá composto por versos e rimas) e contador de histórias.

acompanharam a trajetória de Manoel no território indígena. Também exploro narrativas de uma memória construída sobre o antepassado, contadas por seus netos, Hilário⁴ e Natalina, e sua bisneta, Célia⁵. Como será possível perceber, o enfoque do trabalho se dá na apresentação e análise ainda incipiente dos dados etnográficos, interpretando-os como biográficos, visto o caráter de experimentação em que se encontra minha pesquisa de mestrado.

1. Chegada no território

Natural de Brejo do Amparo, antigo distrito do município de Januária (MG), estima-se que o nascimento de Manoel Fernandes de Oliveira tenha ocorrido no início da década de 1880. Ele veio a falecer em 1961. Sua migração para o território indígena ocorreu pelo menos até 1920. De acordo com sua filha, Olava, o principal motivador para do seu deslocamento para o território indígena - mais conhecido como *Terreno dos Caboclos do Senhor São João* - foi a busca por um terreno onde pudesse *trabalhar*. Ela conta:

Porque ele era de Brejo do Amparo, perto de Januária. Aí, não sei como que ele encontrou com mãe, aí casou e veio vindo pra cá. E disse que o avô meu, chamava Domingos, disse que ele falou: "Olha Maneli, eu quero que cê estuda até o fim. No final eu quero que cê seja ou um doutor ou um padre". Aí ele falou assim que queria ser um trabalhador. Queria ser da roça. E de fato que ele estudou até o fim, aí acho que encontrou com mãe e deu de casar e veio vindo pra aqui.

⁴ Hilário Corrêa Franco é uma das lideranças locais. Nascido em 1961 na aldeia Barreiro Preto, ele possui uma projeção política de relevância entre os Xakriabá. No início dos anos 2000, foi eleito vereador do município de São João das Missões, atualmente é Secretário de Cultura do mesmo município e conselheiro representante do povo Xakriabá na Comissão Estadual para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Minas Gerais (CEPCT/MG). Desde 1995 é atuante na Associação Indígena Xakriabá da aldeia Barreiro Preto (AIXBP).

⁵ Célia Nunes Corrêa, ou Célia Xakriabá, é a primeira liderança mulher de seu povo. Além de graduada no curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) sediado na FaE (Faculdade de Educação) da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), é mestra em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais pela Universidade de Brasília (MESPT/UnB) e doutoranda em Antropologia pela UFMG. Desde 2019 é assessora parlamentar no mandato da deputada federal (MG) Áurea Carolina (PSOL). Também compõe a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil).

Sobre o sistema de trabalho que existia fora do território indígena, fazendo alusão ao tempo de Manelão, e seu pai, Teodolino⁶ (1885-1969), Seu Zé conta: *Naquela época pagava uma renda para usar o terreno e trabalhava por diária*. Explica que geralmente, uma espécie de *patrão de classe média* (não latifundiário) emprestava seu terreno para que nele fosse possível plantar e *ter o de comer*. Aqueles que trabalhavam na roça do patrão tinham, muitas vezes, a labuta diária paga com 1 kg de arroz e, caso usassem a terra para seu roçado particular, tinham que pagar pelo seu uso. O que inicialmente aparece no relato como um sistema de trabalho obediente a uma lógica de “troca”, toma forma de denúncia, já que a mão de obra rural era super explorada, algo semelhante ao regime escravocrata. A *vida sofrida* e a possibilidade *de morar em um lugar que não precisasse pagar renda* fizeram com que Teodolino e Manelão buscassem por morada no *Terreno dos Caboclos do Sr. São João*, afirma Seu Zé. Olava também narra sobre a chegada de seu pai ao território indígena: *Ele soube notícia que teve essa terra aqui e os índio, disse que quase não trabalhava. Nesse tempo parece que índio nem comia coisa de sal. Comia trem do mato. Aí ele foi vindo pra cá*.

No início do século XX, a questão territorial não havia ganhado os contornos que ganhou com o avanço da fronteira agrícola na década de 1960. Como elucida S. Zé, a *revolução da terra* ocorre só posteriormente, quando o projeto desenvolvimentista da RURALMINAS ameaçou a continuidade do povo no território (cf. Santos, 1997)⁷. Manelão, ao buscar por um terreno em que pudesse ter seu roçado, passa a residir entre os Xakriabá. Com o aval do *Chefe dos Caboclos* Gerônimo Seixas Ferro, uma espécie de cacique com quem atuou em parceria durante muitos anos, é definida sua permanência no *Terreno dos Caboclos*.

⁶ O pai de Seu Zé nasceu em Mucambo, distrito de Januária (MG), tendo morado posteriormente em Gergelim distrito de Montalvânia (MG) e na década de 1930 migrou para o território xakriabá.

⁷ O território xakriabá localiza-se no norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões, compreendendo duas áreas contíguas demarcadas e homologadas que se estendem à margem esquerda do rio São Francisco: TI Xakriabá (homologada em 1987) e TI Xakriabá Rancharia (homologada em 2003). Desde 2002, o povo Xakriabá aguarda uma revisão da atual extensão territorial (BRASIL, 2018). Estimativas recentes indicam que a população total é de 14 mil habitantes distribuídos em 40 aldeias (BRASIL, 2020). Trata-se da maior população indígena de Minas Gerais.

Seu Zé, faz uma importante observação quando menciona a concessão da terra para seu pai, algo que, de maneira semelhante, ocorreu com Manelão. Diz: *Meu pai tinha uma filha casada aqui, já conhecia algumas pessoas daqui*. A filha de Teodolino a qual se refere é Júlia, que, ao casar-se com o indígena Vêncio (Vencerlau), passou a morar no território. Uma vez que tinha um ente morando no território, Teodolino também poderia ali morar. O pai de Seu Zé migra então para lá com a esposa e filhos do primeiro casamento⁸. Posteriormente, após sua primeira esposa falecer Teodolino casa-se novamente com uma indígena, Joana, mãe de Seu Zé. Teodolino migrou para o território no fim da década de 1930.

Estima-se que a migração de Manelão tenha ocorrido na década anterior, nos anos 1920. A permanência de Manelão no território esteve atrelada ao casamento com Caetana Muniz da Silva, *descendente da terra*, e a sua atuação em parceria com Gerônimo. Conforme Olava, a negociação com o cacique sobre a permanência de seu pai no território se deu da seguinte maneira:

Aí ele foi vindo pra cá. Soube dessa notícia até que ele chegou aqui. Chegando aqui conversou com o Chefe dos Índio, aí ele falou com ele que queria vir pra aqui, que queria ser trabalhador, que ele gostava de trabalhar. "Pode vir meu filho, pode trabalhar aí onde cê quiser".

Olava diz que seu pai conheceu sua mãe em Brejo do Amparo, casaram-se por lá e depois vieram viver no território. Vale observar que antes da homologação da Terra Indígena, ocorrida em 1989, era comum o estabelecimento de não indígenas junto a seus cônjuges indígenas, muito embora a identidade indígena não fosse uma questão em discussão. É interessante notar, como no caso de Teodolino, essa espécie de política interna se aplicava indiretamente.

No início dessa sessão, o relato de Olava diz sobre Manelão ter migrado para o território contrariando as expectativas de seu pai, que via na formação do filho uma oportunidade para que ele se tornasse *doutor* ou padre. Entretanto, Manelão teve uma

⁸ Ademais, alguns filhos do primeiro casamento de Teodolino migraram casados com não indígenas para o território. Quase todos os filhos do primeiro casamento de Teodolino não permaneceram no território, migraram para municípios vizinhos e para as cidades de São Paulo e Mato Grosso em décadas anteriores a demarcação da TIX.

atuação muito próxima àquela desejada por seu pai no território indígena. A seguir faço algumas considerações sobre essa atuação que realçaram seu protagonismo entre os Xakriabá.

2.(En)frenteiro

Maneli frequentemente foi mencionado nas narrativas como um ancestral que detinha um grande conhecimento dos ensinamentos bíblicos. Sua filha lembra: *Ele tinha o catecismo e tinha a Bíblia*. S.Zé atribuí a presença do catolicismo na aldeia Barreiro Preto a seu padrinho Manoel. Muito embora Hilário não tenha conhecido seu avô materno, reconhece seu protagonismo religioso: *Muitos falam que essa questão da religiosidade foi ele que plantou essa semente aqui, que acabou que foi uma referência pra região toda*.

Devido a inexistência de igrejas e sacerdotes no território, Manelão celebrava e organizava em sua própria casa *cultos, novenas, rezas do terço*, dentre outros. Reunia dezenas de pessoas para ouvir a Palavra de Deus, Olava recupera o modo como se dava esses encontros:

Lá em casa, todo dia nós rezava. O dia que era dia santo, rezava; quando era sábado, rezava; domingo, rezava. E sempre juntava um bando de gente lá em casa. Ficava aquele alvoro, porque nós morava assim meio reconcentrado. E os vizinho que tinha era esse povo lá, era bem ... Juntava tudo, é, lá. Rezava lá. Vixe, no dia que ia rezar pra mim era uma festa! Êta alegria que eu tinha. Aí inté que Deus ajudou e foi juntando mais gente. E nós rezava bastante.

Conhecido como *enfrenteiro* ou *frenterio*, categoria atribuída àquele ou aquela que *toma frente* ou *puxa* as rezas, Manelão conduzia os cultos da seguinte forma, explicam Olava e sua filha Natalina:

N: Ele que era o enfrenteiro, ele que enfrentava e os outro respondia. Ele rezava mais uma turma e mãe respondia mais outra turma. E era muita gente. Filho eles tinha um bando, mais os irmão. E mais vinha a vizinhança tudo, compadre Zé, o povo de compadre Zé tudo. Era muita gente e rezava bastante. Tinha vez que pegava, assim... Na Semana Santa e rezava o mês inteirinho, a quaresma todinha. E era muita gente, que enchia a casa de gente.

O: Que nós rezava? Rezava assim, rezava o terço, na semana rezava o terço e assim, no sábado era Ofício e a Ladainha. E cântico era também, bendito. Domingo... Na quaresma, depois da quarta feira de cinza, rezava direto até sexta feira da paixão.

A partir dos seus 14 anos, S. Zé começou a frequentar, junto com sua família, as rezas na casa de Manelão. Seu padrinho, que também era seu vizinho, exigia que durante os ritos católicos o silêncio tomasse conta do lugar. Segundo o afilhado de Maneli, essa era uma condição para que as rezas fossem conduzidas de maneira apropriada:

Manter o silêncio, isso era uma coisa que ele recomendava. Maneli dizia assim: "A devoção é tão fina que na hora que a pessoa começou a devoção, que a pessoa entrou em serviço, ele não pode misturar com outra coisa. Ele tem que seguir até quando terminar de completar aquela devoção que ele tá fazendo"(...) se o pai tiver dez anos que não encontra o filho, tem que ter ciência que não vai cumprimentar naquela hora. Chega, vai prestar atenção, na hora que completou a oração, aí é a hora de cumprimentar. Ele falava isso, passava isso. Não aceitava palestra na hora da devoção.

Considerado por Olava como *quase que um filho* de Manelão, como alguém que *puxou mesmo meu [seu] finado pai*, S. Zé quando jovem, aprendeu as rezas ministradas por seu padrinho através do *assuntar*, que é a compreensão detida do conteúdo que se falava. Com o pouco conhecimento da cultura letrada que tinha - já que iniciou a alfabetização com o auxílio de seus irmãos mais velhos, criou formas de acessar o conhecimento religioso sem necessariamente ter o domínio da leitura e escrita. Ele mesmo explica sobre esse regime de memorização:

Porque eu ficava assuntando e não cantava, eu assuntava. E parece que tinha um gravadorzinho na cabeça que foi gravando aos poucos, aí consegui um pouco. E esse pouco que a gente conseguiu foi uma coisa para servir. Um dom que dá pra gente.

Seu Zé detém parte do patrimônio religioso ou legado deixado por Manelão. Também (*en*)*frenteiro*, é um *rezador* de referência entre os Xakriabá, *tira de cabeça* inúmeras *ladainhas* e *benditos*. Tem sob sua posse o livro com vários conhecimentos da doutrina católica que Manelão utilizava para conduzir os *cultos*, *rezas* e *novenas* em sua casa.

É interessante tratar sobre a trajetória desse livro. Foi publicado no início do século XX e é composto por cartilhas: “Cartilha ou Compendio da Doutrina Christa”, “Cartilha do Systema metrico decimal”, dentre outras. Também compreende seções como: “Regras de bem viver”, “Taboada”, “Definição do Pêso”, “Taboa dos Tempos” e um alfabeto ilustrado. A moralidade católico-cristã perpassa todo o livro. Através do livro eram conduzidas as Via Sacras e outras orações como “Salve Rainha”, “Credo”; “Cânticos ao Menino Jesus”,

“Ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria”. Além de Manelão, alguns filhos também realizavam as orações, mas ficava sobre sua condução os rituais católicos.

Tratado como um bem de *estimação*, nele é possível encontrar as datas de nascimento dos 10 filhos de Manelão. Conforme me explicou Hilário, o registro de nascimento no cartório não algo era comum, então, em um livro de uso regular anotava-se os dias em que nasceram alguns membros da família. Antes de encontrar-se sob posse de José de Souza Freire, o livro pertenceu a Firmino, genro do *professor da doutrina* e pai de Hilário.

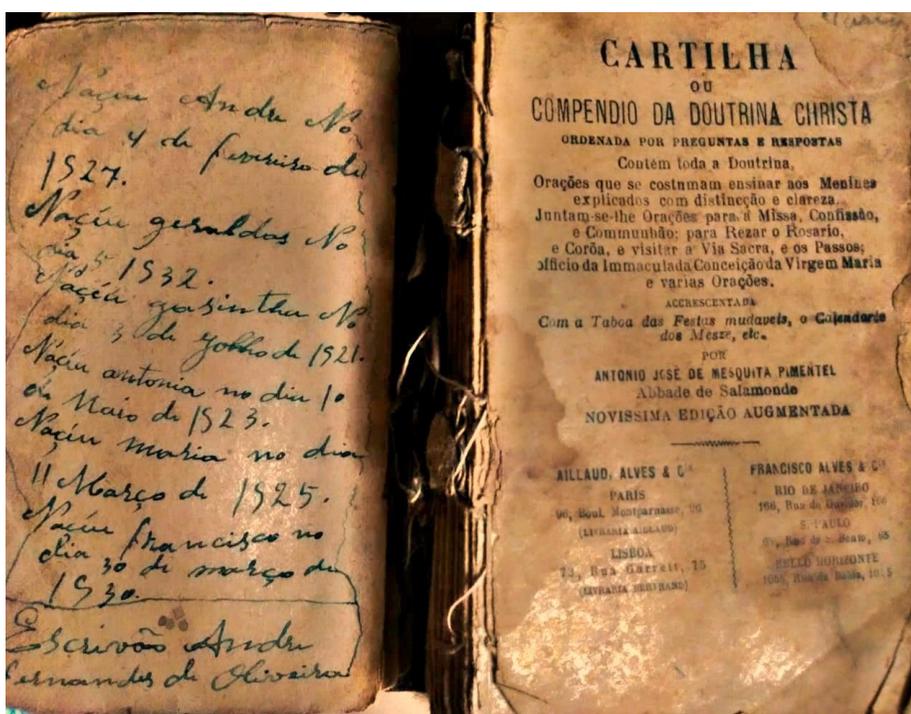


Fig.1. Cartilha ou Compendio da Doutrina Cristã com o registro de nascimento dos filhos de Manelão

Conforme S. Zé, quando a saúde mental de Manelão começou a falhar, pessoas da sua confiança assumiram seu lugar na condução das rezas. As Vias Sacras foram conduzidas por S. Zé e Firmino. Hilário conta que seu pai e S. Zé, seu sogro estabeleceram parceria na condução da Via Sacra. Firmino lia o *livrinho da Cartilha* e *Tio Zé ia puxando*

aqueles canto bonito. Firmino aprendeu a *lição* (a ler e a escrever) com seu cunhado, André, filho de Manelão.

Segundo S. Zé, por ser uma pessoa letrada ou *o único que sabia ler a Bíblia*, Manelão era uma pessoa que *entendia, sabia e perseverava* ao interpretar a Palavra de Deus. Entretanto, o *enfrenteiro* explica que muito embora o domínio da leitura possa auxiliar no entendimento e na semeadura da Palavra Divina, somente aquele que tem o *dom divino* é capaz de plantar os ensinamentos bíblicos no coração dos fiéis. Ou seja, a difusão do patrimônio religioso entre os Xakriabá não se restringiu àquilo que está no papel e à sabedoria da leitura. Muitos dos *mais velhos*, analfabetos e semianalfabetos, conhecedores da doutrina católica, possuem em suas memórias um vasto repertório de *rezas*.

Em minha última ida à Terra Indígena Xakriabá (TIX), em janeiro e fevereiro de 2020, percebi que parte das orações existentes no livro são amplamente rezadas nos *cenáculos*⁹, *rezas do terço dos homens* e *cultos*¹⁰. Os ritos católicos realizam-se no espaço doméstico na aldeia Barreiro Preto¹¹. Além disso, a leitura parece ocupar parcial centralidade nos ritos, muito embora, com a implementação da educação escolar indígena no território em 1995, o acesso à alfabetização tenha se ampliado.

Pode-se dizer que pelo domínio da escrita e da leitura, Manelão *plantou a semente* do catolicismo na aldeia Barreiro Preto e em outras localidades próximas. Entretanto essa *semente* germinou graças a fé dos devotos, independente desses serem letrados ou não. Outra habilidade associada a Manelão é a de atuar como *juiz de paz*, que exerceu com primor no território também devido ao fato de ter tido acesso a uma educação formal.

⁹ O *cenáculo* é um ritual que recentemente foi aderido na aldeia Barreiro Preto, já que existente em outras aldeias do território. O ritual conta com um momento de reflexão sobre a *Palavra* divina, onde se *sorteia* no livro “Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora” mensagens deixadas por Nossa Senhora de Fátima ao padre italiano Stefano Gobbi.

¹⁰ O *culto* assemelha-se a uma missa, entretanto assume uma dinâmica própria. Por exemplo, após ser realizada a Leitura do Evangelho, todos são convidados a contribuir com sua interpretação sobre a *Palavra de Deus*. Além disso, não há um sacerdote e nem a Comunhão.

¹¹ Na aldeia Barreiro Preto angariam-se fundos para a construção de uma igreja católica na antiga casa de Firmino (1930-2003) e Gertrudes (1934-2007), filha de Manelão.

3. Juíz de paz

Tomei conhecimento que Manelão era reconhecido como *juiz de paz* ao ler a dissertação de sua bisneta Célia Xakriabá, filha de Hilário e neta de S. Zé. Em seu trabalho, ela se refere a seu bisavô como:

(...) um homem muito respeitado e reconhecido até como juiz de paz naquela época, porque era dotado de muita sabedoria, era respeitado internamente e até fora do território pela comarca de justiça que tinha sede na cidade de Januária. (CORRÊA XAKRIABÁ, 2018, P.196)

Quando interpelei S. Zé sobre a categoria atribuída a Manelão de *juiz de paz*, ele me explicou que Manoel era uma espécie de *autoridade* no território, muito *humilde, devoto e conselheiro*. Hilário explica que *lá fora usa muito buscar o direito na Justiça*, entretanto, no território xakriabá, em primeiro lugar, busca-se pelo cacique ou liderança local na tentativa de resolver os conflitos entre familiares e outros. Hilário conta que Manelão *tinha esse papel de liderança, pra acertar essas coisas, era uma pessoa que acolhia, sabia apaziguar qualquer situação*. Também diz que, durante a época em que seu avô viveu no território, era difícil o acesso à Justiça e, com isso, promotores e juízes tinham *referências distantes* como Manelão para *facilitar* os trâmites jurídicos:

Em vez do pessoal volta e meia ir lá procurando alguma coisa relacionado a isso, aí já fazia aquela referência de pessoas pra tá se comunicando, dialogando sobre isso. E aí muitos casos que ia pra lá, que as vezes as pessoas falavam que não tinha jeito de se resolver aqui, e já tinha passado por ele. Aí, eles lá exigia a presença dele. Porque ele era uma referência nossa muito grande lá, tinha aquele respeito, queria ouvir dele, né? E muitas das vezes acabava ficando o que ele tinha encaminhado. Ele na verdade não era oficializado pra isso, né? Mas era como se fosse.

S. Zé diz que de forma efetiva quiseram dar a ele a patente de um juíz de paz ou delegado e, mesmo sabendo fazer as atribuições do cargo, ele recusou, *queria viver como ele era*. Também diz que seu padrinho era *amigo dos padres, dos bispos, do povo da lei, do juiz do Direito, muito apurado e muito procurado*, tinha como atuação *levar paz, fé onde houvesse dúvida*. Narra que o que está descrito na oração de São Francisco de Assis define como agia Manelão:

O trabalho dele era fazer paz onde tem a dúvida. Quer dizer, de fazer paz, de onde tiver a dúvida levar a fé, assim como na oração de São Francisco de Assis. Você conhece a oração? Pois era assim ... Ele tinha uma maneira de trabalhar que acertava as coisa sem deixar mal querença um com o outro. E eles tinham a maneira de resolver. Mas a dúvida é um negócio assim difícil, a dúvida um com o outro ou a questão, é uma coisa assim que tem

até pergunta: "Quem não tem, não quer ter. Quem tem não quer perder." [...] Acontece que o Direito só vai assistir um. É assim. Aquele que perder não vai ficar muito contente, mas as pessoas que vai fazer o acerto tem que saber explicar pra pessoa entender.

Hilário também faz considerações sobre a questão da dúvida e a atuação de Manelão como mediador:

E qualquer dúvida entre família, ou entre qualquer uma outra situação, entre outras pessoas que não seja família e que tava até a ponto de acontecer alguma coisa a mais, ruim, por causa daquela dúvida, de um direito sobre alguma coisa, né? Sobre algum pertence, de um achar que aquilo ali é redondo e aí outro acha que isso não, isso aqui é meu. Muitas coisas nessa situação e outros casos também. E ele era chamado pra ouvir as partes e depois dá um parecer. Isso foi muito usado.

É interessante notar que sua atuação como pessoa capaz de *apaziguar* os conflitos, não está desvincilhada daquela que o reconhece como *(en)frenteiro*. Como menciona S. Zé a forma como atuava Manelão está atrelada àquela indicada na oração do Santo. Muito provavelmente, o arcabouço religioso de Manelão também o acompanhava quando atuava como *juíz de paz*.

Não só junto aos *causos relacionados a alguma dúvida* atuou Manelão. Ele firmou parceria com o *Chefe dos Caboclos* Gerônimo Seixas Ferro ou cacique Geromão, *líder geral* dos Xakriabá para encaminhar questões relacionadas ao território. Hilário conta:

Ele trabalhou muito na época com o cacique Geromão. E como ele na época era quase que o único que sabia ler e escrever, era muito procurado. E o Geromão na época como o líder geral do Xakriabá, mesmo que sem demarcação, era muito procurado também para esses fins, né? E aí ele se destacava também porque o Geromão chamava ele, né? Pra acompanhar os causos, pra dar apoio a ele nas decisões. [...] Uns falavam assim que era uma espécie de secretário do Geromão. E entre as famílias, aí sim ele era muito reverenciado.

A seguir trato sobre mais uma habilidade relacionada ao domínio da leitura e da escrita que tinha Manelão, tendo sido por muitas décadas o único letrado no território xakriabá.

4. Escrivão

Em 2015, quando desenvolvia uma pesquisa sobre a trajetória acadêmica de Célia e de seu irmão mais novo (Edgar), à época estudantes recém-formados pela licenciatura indígena Fiei (Formação Intercultural para Estudantes Indígenas)¹², tive contato com as narrativas

¹² Curso sediado na FaE/UFMG (Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais).

sobre Manelão. Célia referia a seu bisavô como uma *referência* quando a interpelei sobre a formação escolar de seus ancestrais.

Ela e seu irmão acessaram à educação escolar indígena no território em meados da década de 1990, após a implementação do Piei/MG (Programa de Implementação da Educação Indígena em Minas Gerais). Seus pais, avós e bisavós aprenderam a ler e a escrever em *casa de família* com *professores leigos* pois não haviam escolas no território (cf. JARDIM, 2016). O bisavô Manelão foi um caso à parte, sendo uma das poucas pessoas escolarizadas no território durante a época em que viveu. Célia conta que, quando pouquíssimas pessoas sabiam escrever na TIX, o que denomina como a *época da referência* (anterior aos anos 1930-1940), seu bisavô era buscado com recorrência. Explica como funcionava a busca por aqueles que eram a *referência* na escrita:

(...) pra escrever uma carta naquela época tinha que ir atrás da referência (...) era andar 30 km pra ir na outra aldeia [...] pra ter aquela pessoa, só naquela aldeia, que sabia escrever uma carta. Então, só aquela pessoa podia ajudar a escrever pra uma pessoa que tinha parente em São Paulo. (CÉLIA XAKRIABÁ apud JARDIM, 2016, P.37)

Em sua dissertação, ela também se apresenta a partir dessa ancestralidade:

Sou bisneta de emblemático Xakriabá, Manuelzão, referência na escrita de cartas, cujos destinatários eram aqueles que haviam saído da aldeia em busca de emprego. (CORRÊA XAKRIABÁ, 2018, P.24)

Esse e outros relatos apontam que Manelão era *escrivão*, tendo redigido cartas a serem entregues para parentes que haviam se deslocado para fora do território. Sobre isso Olava considera:

Ele bem podia ser professor, mas ele era um homem da roça, não quis esse serviço não, mas ele sabia escrever. E nesse tempo não tinha escola, nesse tempo era difícil ter escola. Mas tenho lembrança que ele escrevia. Não tinha telefone, não tinha nada, mas ele escrevia carta pra São Paulo. Ele fazia era escrever. E aqui ele era como o maior escrivão do mundo que ninguém aqui sabia ler e todo mundo vinha procurar ele.

Manoel não chegou a atuar como *professor leigo*, uma categoria êmica criada para nomear professores que atuavam na região com o pouco conhecimento que tinham sobre a leitura e escrita. Conforme Olava, seu pai não se empenhou a ensinar os filhos a ler e escrever. Alguns deles, como André, Francisco e Mariano, foram para Brejo do Amparo se

escolarizar, morando por um tempo na casa do avô paterno. Esses sim chegaram a atuar como *professores leigos*. Como Seu Zé afirma, Manelão era mesmo *professor da doutrina*.

Considerações finais

Os elementos biográficos explorados indicam que o prestígio, digamos assim, atribuído a Manelão se dava, principalmente, devido à sua educação formal e domínio de um *corpus* de conhecimento católico, algo incomum no local durante a época em que viveu. Um homem de origem aparentemente simples, que queria se dedicar ao trabalho na roça e à doutrina cristã, alçou protagonismo entre os Xakriabá no início do século XX. Não se sabe ao certo se ele se letrou em uma escola ou foi iniciado na cultura escolar no espaço doméstico em Brejo do Amparo. Seu *exemplo* ainda persiste. Deixou um legado entre aqueles que perpetuam a tradição católica entre os Xakriabá. Também entre aqueles que buscam na tradição da escrita um caminho para se tornarem lideranças, mediadores, leitores e escritores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Ministério da Justiça e da Segurança Pública. Fundação Nacional do Índio. **Levantamento de informações sobre a comunidade indígena nas aldeias da TI Xakriabá.** 2020.

BRASIL. Ministério Público Federal. **Ação Civil Pública. Processo nº 1854-98.2014.4.01.3807.** 2018.

CORRÊA XAKRIABÁ, Célia N. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada.** Dissertação de mestrado profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais – Universidade de Brasília, 2018.

JARDIM, Amanda. **Trajetórias e narrativas de dois estudantes-pesquisadores xakriabá.** Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia – Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

SANTOS, Ana Flávia M. **Do terreno dos caboclos de São João das Missões à Terra Indígena Xakriabá: as circunstâncias da formação de um povo.** Dissertação de mestrado em Antropologia – Universidade de Brasília, 1997.